

50 anos da Guerrilha do Araguaia: uma herança a ecoar no tempo presente

Janaína Buchweitz e Silva*

Introdução

A Guerrilha do Araguaia foi um movimento de resistência ao regime ditatorial brasileiro, que se desenvolveu na região amazônica brasileira, ao redor do rio Araguaia, nas proximidades da região do Bico do Papagaio (Tocantins) e no seu entorno (incluindo territórios dos estados do Pará e do Maranhão), tendo sua organização se iniciado no ano de 1966. Coordenada pelo Partido Comunista do Brasil (PC do B), objetivava fomentar uma revolução socialista e um movimento de resistência ao regime militar a partir do campo. O governo brasileiro descobriu a existência da guerrilha no início de 1972 e, após três campanhas militares, exterminou o movimento em 1974. Segundo dados do dossiê *Brasil: nunca mais*, aproximadamente 50% dos desaparecidos políticos do período ditatorial brasileiro militaram na região do Araguaia.

Nas palavras do pesquisador Roberto Vecchi (2014), o Araguaia possui uma força simbólica que o diferencia dos demais acontecimentos que ocorreram ao longo dos 21 anos de ditadura militar no Brasil, dada uma série de indícios, omissões

*Doutoranda em Letras na Universidade Federal de Pelotas.

e apagamentos que contribuem para a “complexidade específica do contexto do Araguaia” (p. 134), de forma a ser colocado quase sempre como um hiato ou um parêntese dentro da cena histórica da ditadura militar brasileira.

Passados cinquenta anos da guerrilha, foram identificados os restos mortais de somente dois militantes. Ao longo dos dois anos de dizimação dos militantes, seus corpos foram ocultados, e as famílias dos desaparecidos políticos do regime buscam até hoje a reparação de seus direitos mais elementares, dentre eles o do exercício do luto. Conforme descreve Elio Gaspari (2002), a desapareição forçada era prática comum exercida pelo exército brasileiro no combate à Guerrilha do Araguaia:

A ditadura fixara um padrão de conduta. Fazia prisioneiros, mas não entregava cadáveres. Jamais reconheceria que existissem. Quem morria, sumia. Esse comportamento não pode ser atribuído às dificuldades logísticas da região, pois a tropa operava de acordo com uma instrução escrita: “Os PG (prisioneiros de guerra) falecidos deverão ser sepultados em cemitério escolhido e comunicado. Deverão ser tomados os elementos de identificação (impressões digitais e fotografia)” (p. 420).

Dessa forma, para Vecchi (2014), a Guerrilha do Araguaia pode ser compreendida partindo do que ele denomina de subtópicos dominantes, divididos nos campos do culto, da barbárie e da citação. No campo do culto, o pesquisador destaca o deslocamento dos túmulos secretos dos guerrilheiros, visando o apagamento e

também evitando o culto da população aos restos mortais dos militantes. O autor destaca os casos em que houve decapitação de guerrilheiros e exaltação de corpos massacrados, sob o que denomina de campo da barbárie, salientando ainda o campo da citação, devido às conexões que as narrativas de massacre propiciam entre os diferentes eventos violentos já vivenciados naquela região. Partindo do conceito jurídico de restituição (*restitutio in integrum*), que aponta para o “restabelecimento da situação anterior à violação” (p. 138), o pesquisador defende a impossibilidade da restituição da memória dos desaparecidos, apontando assim para o irrestituível do Araguaia (p. 139) e afirmando:

O Araguaia como texto, como narração impossível, ou interrupções conjugadas preenchendo ficticiamente um vácuo, um oco, põe o problema do texto da desaparecimento política. Não no sentido de uma relação direta entre a desaparecimento da história (Araguaia) e a escrita da desaparecimento do corpo do inimigo político. Mas porque o ocultamento decorre de uma matriz comum, não só de ordem histórica, mas especificamente conceitual, como produto de uma razão semiótica que impossibilita ou pelo menos mina a possibilidade da narrativa pelo apagamento, a destruição lucidamente construída do signo. Por isso, o Araguaia pode ser assumido como palimpsesto crítico para talvez viabilizar uma leitura de textos (de obras) da desaparecimento política engendrada pela mesma violência autoritária que produziu o Araguaia como “obra” (pp. 141-142).

Assim, Vecchi (2014) compreende o Araguaia enquanto palimpsesto não inteiramente apagado e vê, nos textos que referenciam a violência da ditadura militar no Araguaia, “um esforço político de vocalização dos silêncios do passado, portanto da abertura de campo para outra poética de restituição” (pp. 145-146), apontando essas narrativas como um ato obrigatório para a fundação de uma memória comunitária sobre a Guerrilha do Araguaia.

Narrativas sobre a Guerrilha do Araguaia: a literatura brasileira contemporânea enquanto intervenção de resistência ao esquecimento

Nas palavras da pesquisadora e crítica literária Eurídice Figueiredo (2017), o trabalho de elaboração do trauma da ditadura permanece no tempo presente, o que é comprovado pela grande quantidade de livros que seguem sendo publicados e tematizam o regime ditatorial brasileiro. Adotando um tom ora mais memorialístico, ora mais voltado ao ficcional, autores e autoras de diferentes gerações (tanto da geração que vivenciou o período quanto da herdeira da memória traumática) buscam abordar as agruras vivenciadas naquele período, bem como suas consequências no tempo presente. São relatos que abordam a clandestinidade, a violência física e simbólica a que muitos foram submetidos, o exílio, a anistia, o desaparecimento, ou seja, tudo aquilo que acompanhou a vida do povo brasileiro durante os chamados anos de chumbo e segue reverberando no tempo presente. Na última década, nota-se um *boom* de textos que pontuam o período da ditadura militar brasileira e os seus desdobramentos, muito provavelmente oriundo de uma resposta que a literatura brasileira contemporânea está

dando à sociedade, em virtude do contexto político vigente, marcado por ameaças à democracia e por manifestações de apoio a regimes de exceção. A seguir, serão brevemente analisadas quatro produções literárias, todas publicadas nos últimos anos e que possuem como pano de fundo a Guerrilha do Araguaia.

No ano de 2010, Adriana Lisboa publicou o romance *Azul corvo*, obra que tematiza a Guerrilha do Araguaia a partir do personagem Fernando/Chico, padrasto da protagonista Vanja/Evangelina, jovem que, ao perder a mãe, decide se mudar do Brasil para os Estados Unidos em busca de informações sobre o paradeiro do pai. Uma vez que Fernando foi um dos guerrilheiros que militou no Araguaia, é a partir das experiências dele que o episódio da guerrilha é apresentado ao leitor, que juntamente com a protagonista passa a conhecer parte do passado obscuro do país. Fernando descreve a Vanja as amizades, relacionamentos e cumplicidades que se desenvolveram entre os militantes e os moradores da região do Araguaia, além de outros pormenores do período em que esteve na guerrilha que optou por abandonar, mas que jamais conseguiu esquecer:

Fernando dormia e talvez em seu sonho houvesse os rostos do meu pai, o rosto da minha mãe. Ou os rostos daquela guerra amazônica que, eu ainda não sabia, ele não esqueceria nunca. Esqueceria, antes, seu telefone, seu endereço, seu próprio nome, o som da sua própria voz, mas não aquilo. Quando o inimigo avança, recuamos, e quando precisamos recuar às vezes tropeçamos em nós mesmos (Lisboa: 2010, 150).

São abordadas questões como o treinamento militar que Fernando fez em Pequim, com vistas ao aprendizado de técnicas de guerrilha, sua filiação ao Partido Comunista do Brasil (PC do B), a clandestinidade e a ida para a região do Araguaia, bem como sua posterior deserção, sendo que parte das informações são prestadas pelo próprio personagem, enquanto, em outros momentos, surge um narrador extradiegético. Apesar de se tratar de um romance, a autora menciona uma série de personagens e acontecimentos conhecidos da guerrilha, demonstrando que estudou o período histórico com vistas à elaboração de uma ficcionalização que, de certa forma, se aproximasse do que efetivamente aconteceu durante a Guerrilha do Araguaia. Dessa forma, a história do personagem Fernando pode ser lida como a de um dos militantes que por lá passaram. A autora menciona, por exemplo, o conhecido episódio ocorrido com o militante Osvaldão, que foi assassinado pelos militares e teve seu corpo exposto:

Em fevereiro, caiu Osvaldão, outro que estava lá desde o início, que era o guerreiro imortal dos comunistas. Seu corpo foi exibido nos povoados. O imortal estava morto. Derrubado por um mateiro. Depois, deram sumiço no cadáver. Os militares arrematariam o extermínio da guerrilha com a Operação Limpeza – esse nome simples, cristalino, honesto, que dispensa interpretações.

O general Geisel, que tomava posse naquele mesmo mês, afirmou que aquela coisa toda de matar era ruim, mas não tinha como ser diferente.

E com isso seguiam-se as mortes. E foram se seguindo. Era preciso matar e depois matar as mortes, digamos.

Era preciso matar a história. Matar a memória e alguma consciência com gordurinhas inconvenientes.

Todos foram morrendo, um a um. Alguns simplesmente desapareceram, mas desaparecimento era um dos codinomes da morte. Era outro jeito de pronunciá-la (p. 280).

Ocorrem diversas outras alusões a fatos conhecidos e determinantes dentro do contexto da guerrilha, como a menção à criação da ULDP (União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo), sendo que no capítulo “Sucuri” é relatada a operação, de mesmo nome, que praticamente dizimou a guerrilha. Dessa forma, o romance produzido por Adriana Lisboa, ao resgatar fatos históricos dentro de um contexto de ficção, proporciona um maior esclarecimento sobre parte da história do Brasil que permanece obscura para parte da população, servindo como fonte de rememoração e também de combate ao silenciamento e ao esquecimento.

Em *Antes do passado, o silêncio que vem do Araguaia* (2012), a autora Liniane Brum testemunha suas experiências enquanto familiar de desaparecido político, buscando reconstituir parte da história de vida de seu tio Cilon Brum/Simão, um militante político que foi para a Guerrilha do Araguaia e cujo corpo jamais foi encontrado. Liniane teve contato com o tio uma única vez, no dia de seu batizado, ocasião em que Cilon foi visto pela última vez por sua família. A sobrinha cresceu em meio ao silêncio que se instituiu com relação à figura do tio. Desde a infância, na escola e em casa, buscava combater o silenciamento que rondava a guerrilha, tentando entender o que havia acontecido com o tio e percebendo o tabu que era abordar o assunto.

Quando adulta, decidi iniciar uma pesquisa por conta própria, tentando reconstituir o caminho traçado pelo tio, em busca de algum tipo de informação sobre o que poderia ter acontecido com Cilon desde que fora visto pela última vez:

Cresci ouvindo que meu tio e padrinho, Cilon Cunha Brum, foi visto pela última vez no dia em que me batizou, no ano de 1971, em Porto Alegre. Depois, desapareceu sem deixar vestígios. Diziam que sumira numa tal de Guerrilha do Araguaia. Eu era uma criança quando comecei a absorver essa história, sussurrada e captada em meio a um clima de medo e insegurança.

Desde que consigo lembrar de minha própria vida, tenho memórias do meu padrinho. Sua figura ao mesmo tempo diáfana e constante habitou todos os meus espaços da infância, adolescência e juventude vividas no Rio Grande do Sul.

Muito tempo passou até que se soubesse que ele era um desaparecido político, duas décadas e meia transcorreram até que ficasse claro que ele jamais iria voltar – que havia sido morto. Foram necessários 32 anos para que eu decidisse enfrentar o estigma do medo e do segredo: forças paralisantes, tão abstratas quanto profundas, cujas raízes só a maturidade e a cristalização (parcial) da recente história do Brasil me permitiram compreender (Brum: 2012, 11).

A ideia inicial de Liniane era produzir um documentário, mas acabou tornando-se uma obra a que a própria autora deno-

mina de conjunto de crônicas. Tendo empreendido duas viagens à região do Araguaia e investigado um vasto arquivo sobre a guerrilha, a sobrinha reconstrói parte da vida do tio em *Antes do passado*. Em sua primeira ida ao Araguaia, a autora presenciou o trauma que a guerrilha deixou como herança aos moradores do local:

Demorei para conseguir achar alguma pista do tio, pois a maioria das pessoas que presenciou a guerra – aqui eles só chamam de guerra o que aconteceu – ainda é traumatizada. Foram muito maltratadas, vizinha, tiveram suas casas queimadas, as roças destruídas. Sentiram na pele, literalmente, a Guerrilha no Araguaia, porque uma enorme quantidade de gente do exército, sob o comando dos generais e do presidente da República, foi colocada ali para machucar as pessoas na carne e na honra (pp. 185-186, grifos da autora).

Dessa forma, a partir da narrativa da autora, podemos perceber que a Guerrilha do Araguaia deixou sequelas nas famílias dos militantes e também nos moradores do local, provocando um trauma de difícil superação, dadas as atrocidades cometidas para com aqueles que lá estiveram. Passadas décadas do ocorrido, ainda permanece a indignação, o desconhecimento e o desconforto para com um dos episódios mais truculentos da ditadura militar do Brasil.

A autora coloca a perspectiva do familiar de desaparecido político, uma vez que menciona diversas vezes o vazio ocasionado na vida de seu pai, que nunca soube lidar com o desaparecimento do irmão, sendo que à época a família sequer compreen-

dia a dimensão do que estava sendo empreendido enquanto movimento de resistência ao regime, e só posteriormente percebeu que Cilon era um desaparecido político. Também através da figura da avó, dona Lóia, podemos tentar entender um pouco do que foi a dor das mães dos desaparecidos políticos, que viveram e envelheceram sem saber informações sobre os filhos, sem saber sequer se ainda estariam vivos. Conforme vai executando o projeto de busca de informações sobre o tio, Liniane vai prestando esclarecimentos à avó através de cartas, porém no final da obra a autora informa que a avó faleceu no final dos anos 80, ainda rogando informações às autoridades sobre o paradeiro do filho, o que dá certo tom ficcional a um texto que se apresenta, desde o início, sob o viés testemunhal.

A ausência de um corpo para velar origina a impossibilidade da vivência do luto, gerando um trauma para toda a família, o que é testemunhado e evidenciado ao longo do texto de Liniane. O aniquilamento e posterior ocultamento dos corpos dos militantes que foram dizimados pelo exército na Guerrilha do Araguaia podem ser considerados as heranças mais traumáticas que esse episódio nos legou, tanto aos familiares dos desaparecidos, quanto aos moradores que sobreviveram e presenciaram as exposições dos corpos (o episódio dos helicópteros içando e exibindo os corpos dos guerrilheiros é mencionado nos quatro textos que tematizam a guerrilha), evidenciando o aniquilamento da vida de acordo com o seu valor político, uma vida nua, matável e descartável, nos moldes do que evoca Agamben (2010).

No ano de 2015, a escritora Guiomar de Grammont lançou *Palavras cruzadas*, romance em que a jornalista Sofia retorna

à região do Araguaia em busca de informações sobre Leonardo, seu irmão guerrilheiro que desapareceu. Dessa forma, a autora problematiza uma das heranças mais fortes que restaram da Guerrilha do Araguaia – o desaparecimento de militantes:

Leonardo não morreu.

Nenhum corpo foi velado, não houve lágrimas, despedidas ou alma encomendada aos céus. Leonardo tornou-se uma presença eterna. Sofia sentia culpa, mesmo sem motivo. Sua vida se suspendeu naquela ausência. Era um sentimento difuso. Em sua consciência, ela sabia que não era responsável pelo desaparecimento dele, mas seu irmão não voltaria tampouco. Essa falta não permitia que ela construísse nada, nem em sua vida afetiva, nem na profissional. Era uma parede, obstáculo incontornável dentro dela. Tudo que ela tentava compreender em sua vida parecia sugado por esse abismo (Grammont: 2015, 56).

O apagamento dos rastros foi uma prática comum ao longo de todo o regime ditatorial brasileiro, porém ainda mais enfatizada durante a Guerrilha do Araguaia, uma vez que os guerrilheiros que foram exterminados pelos militares tiveram seus restos mortais trocados de lugar diversas vezes, sendo que muitos dos corpos foram queimados, e outros tantos tiveram falanges e arcadas dentárias extraídas, com o intuito de dificultar a identificação dos militantes, caso os corpos fossem encontrados. Aqui é novamente retratada a situação de desaparecimento

que ocasiona aos que ficam a impossibilidade da resolução do luto, já que se desconhece o que efetivamente aconteceu àquele que desapareceu sem deixar vestígios ou informações.

A morte do pai, vinte anos após o desaparecimento de Leonardo, foi determinante para a decisão de Sofia de desvendar o paradeiro do irmão, uma vez que a herança deixada pelo pai intensificou a necessidade da resolução da situação da família. A narração em terceira pessoa, que descreve a busca da protagonista por informações acerca do irmão, é entrecortada pela leitura de um diário, que fora escrito parte por Leonardo e parte por sua namorada (a autoria do diário só é revelada no decorrer da trama), o que caracteriza as palavras cruzadas mencionadas no título da obra, que compõem dessa forma uma história entrecortada pelas diferentes vozes que a integram. Sofia se utiliza de reportagens e relatórios como fonte de informação sobre a Guerrilha, empreendendo uma série de viagens em busca de informações sobre o irmão, peregrinação que a deixa cada vez mais angustiada, pois, ao invés de efetivamente entender o destino do irmão, ela se torna cada vez mais consciente da tragédia que foi a Guerrilha do Araguaia:

Essas histórias contraditórias repercutiam em Sofia, fazendo-a desejar, mais ainda, que tudo tivesse fim. Era demais para ela tudo aquilo. Peso demais. Queria poder esquecer, mas como? Iria carregar esse tormento até sua morte? Essa parecia ser a sina de seus pais. Quanto mais ela pesquisava, mais angustiada ficava. Era como se estivesse reproduzindo, seguidamente, uma mutilação.

Suas pesquisas revelavam, pouco a pouco, fatos terríveis. A cada descoberta, sua angústia recrudescia. Alguns dos jovens teriam sido executados muitas semanas depois de terem sido capturados. Esses guerrilheiros chegaram a colaborar com os militares, ajudando-os a localizar esconderijos na mata, mas isso não os salvou. Todos eram sumariamente eliminados. Nenhum vestígio deveria permanecer. A Guerrilha do Araguaia se tornara um movimento sem memória (p. 66).

Ao executar os guerrilheiros e desaparecer com os corpos, o regime ditatorial buscou o apagamento dos rastros e vestígios daqueles que lutaram contra o regime, bem como das pistas e provas sobre a existência do extermínio, tornando dessa forma a Guerrilha do Araguaia um dos episódios mais obscuros do período ditatorial brasileiro. Em *Palavras cruzadas*, a retomada do período na contemporaneidade contribui para a recuperação dessa memória soterrada pelo apagamento e pelo desconhecimento.

No ano de 2020, a escritora Anita Deak publicou o romance *No fundo do oceano, os animais invisíveis*, em que também tematiza a Guerrilha do Araguaia sob um viés bastante metafórico a partir da história do protagonista Pedro Naves/Lucas, um militante da guerrilha. Em um relato não linear, o personagem nascido em 1946 e natural da fictícia cidade de Ordem e Progresso reconstitui sua infância na mata junto à família, a ida para a cidade, o ingresso no movimento estudantil, a iniciação no movimento de resistência ao regime militar, em que relata assalto a bancos, homicídios, diferentes momentos na clandestinidade, e sua posterior ida para

o Araguaia, que no romance recebe o nome de Berocan (berô-can: rio Araguaia na língua carajá):

Talvez Bernardo tenha me levado ao Berocan, talvez as palavras censuradas tenham me levado à mata fechada, à escuridão conspirada pelas copas das árvores a partir das quatro da tarde, quando não podíamos mais andar por não podermos sequer riscar um fósforo sem que ele nos denunciasse aos soldados, quando não podíamos mais esquentar os alimentos e comíamos castanhas e frutas a controlar até o barulho que faziam na traqueia, quando não podíamos poder mais nada até que a mata clareasse e soubéssemos que tínhamos vencido mais um dia e que esse dia a mais significava que estávamos ainda mais próximos da revolução (Deak: 2020, 86-87).

Nascido na mata, Pedro dialoga com a floresta e com os animais desde a infância, em um relato que tende para o mágico, o maravilhoso. Filho de um latifundiário e criado sob premissas patriarcais, na juventude decide partir para a cidade em busca de estudos, quando conhece Sara, filha do militante de esquerda Alcino, dono de uma biblioteca repleta de livros que o apresentam para um novo mundo. A namorada será decisiva para o ingresso de Pedro no movimento estudantil e posteriormente na militância, e será sua companheira também durante a guerrilha, quando o personagem se reencontra com a floresta, as árvores, os frutos e os animais, em uma espécie de reintegração do homem com a natureza, que atua como sua protetora:

Quantas partes do corpo preciso manter para dizer eu sou? Proteja seus pés, dizia meu avô Sebastião dentro da mata, pois na mata é pelo bicho e pelo pé que se morre, quando o pé infecciona não é possível andar e buscar o que comer, avançar ou se defender dos animais. É 1974, não vejo meus companheiros faz meses e os helicópteros rondam o céu, abrindo as frestas onde costumávamos nos ocultar, mas meus pés estão saudáveis e posso prosseguir durante a noite, quando o som da floresta me aponta a direção dos inimigos e o vento desenha a topografia à frente no murmúrio com que batiza as árvores (pp. 105-106).

Nas páginas finais, a autora informa que o personagem Pedro Naves é uma homenagem a todos os guerrilheiros e camponeses da região do Araguaia. Apesar de também conter alusões a episódios conhecidos da guerrilha, a autora de *No fundo do oceano, os animais invisíveis* opta por focar a subjetividade do personagem que rememora, no tempo presente, sua vivência com a selva, o relacionamento com os moradores da região do Araguaia, as dificuldades da militância em meio à mata, partindo de um filtro subjetivo que pode aproximar o leitor do fato histórico do Araguaia de maneira até mais contundente, se comparado a um discurso mais ancorado ao referencial:

Rasga-se a floresta em diástase, em perecidos e inse-
pultos dias roubados. Berocan *big bang* ao contrário,
1974, 1973, 1972, basta limpar os rastros e nem se terá

notícias disso, o general diz. Se assim fosse possível, teriam de apagar também as pedras e as gotas de água escuridas do queixo do companheiro Lauro, quando em concha a mão à boca satisfizes a sede vertendo o excesso de líquido entre os dedos, a gota foi mas ainda existe, tendo tocado o Lauro também o é; e o fogo que espraíamos antes do plantio do milho, sua fumaça insinuou-se ao céu, na natureza nada se perde e nada se cria, o Bero-can apenas transpôs-se, parte da mata, a sede de Lauro, a saudade dos antigos, os corpos jogados de cima dos helicópteros plantados no pico da serra das aves; basta limpar os rastros e nem se terá notícias disso.

Quem não terá?, o encantado me perguntou – e me falaram as árvores marcadas pelo canivete de quem se perdeu, os cipós sobre os quais os companheiros dormiram, os igarapés onde beberam e as cascas das castanhas das quais se serviram, a mandioca enterrada a poucos metros dos pés e se Rosa soubesse onde não teria chegado a pesar quarenta quilos, indo espreitar as casas queimadas pela polícia nos povoados, casas de gentes simples, comuns; queimem e nem se terá notícias disso; as gentes levadas a um buraco sem cobertura, sem comida ou bebida dias a fio, fale onde estão os subversivos, moço, que é subversivo? (p. 183).

Envolto até hoje em silêncio e desconhecido por grande parte da população brasileira, o apagamento dos rastros que caracteriza a Guerrilha do Araguaia é combatido sempre que

trazemos o debate ao tempo presente, e a literatura produzida sobre o período e aqui mencionada é uma das muitas formas de luta contra o silenciamento, ocultamento e apagamento de um dos episódios mais brutais e atroz da história do país.

Algumas considerações

As quatro publicações literárias elencadas que tematizam a Guerrilha do Araguaia foram escritas por autoras da geração descendente, as herdeiras da memória do regime ditatorial brasileiro. Por não haverem vivido o período, empreenderam considerável pesquisa para que pudessem elaborar o passado ditatorial, propiciando um texto literário que se aproximasse daquilo que efetivamente ocorreu na região do Araguaia. Assim, constroem suas narrativas a partir da narrativa do outro, daquele que viveu o período, o testemunhou e sobreviveu para narrar; pautam-se também na narrativa histórica e social, formulando textos que diferem nas propostas, ora mais voltados para a prevalência do caráter referencial e testemunhal, como em *Antes do passado*, ora mais voltados para o fantástico e o subjetivo, enfatizando o trabalho com a linguagem, como em *No fundo do oceano*, ora fortemente inspirados em elementos referenciais e fatos históricos, como em *Azul corvo* e *Palavras cruzadas*. Trata-se de narrativas que propõem a reflexão sobre os traumas herdados por nossa sociedade e contribuem para que o leitor conheça mais sobre a história e a memória do Brasil, uma vez que exploram um episódio ainda hoje envolto em sombras.

A instauração da Comissão Nacional da Verdade propiciou que as atrocidades cometidas durante a Guerrilha do Ara-

guaia finalmente viessem à tona, contribuindo para a quebra do silêncio sobre uma série de atos e procedimentos adotados a mando do regime. Nas palavras de Agamben (2010), o poder soberano materializa o estado de exceção, criando condições para que a vida nua e a norma entrem em um limiar de indistinção. Por vida nua, entende-se uma vida matável e sacrificável, de acordo com seu valor político:

Na biopolítica moderna, soberano é aquele que decide sobre o valor ou sobre o desvalor da vida enquanto tal. A vida, que, com as declarações dos direitos, tinha sido investida como tal do princípio de soberania, torna-se agora ela mesma o local de uma decisão soberana (p. 138).

A exposição dos corpos dos guerrilheiros, já sem vida, içados pelos helicópteros das forças armadas, talvez seja a maior demonstração da condição de vida nua a que foram submetidos os militantes que combateram a ditadura militar no Brasil: a agressão da morte, muitas das vezes seguida de mutilação, a posterior exposição do corpo já sem vida e mutilado, e a seguir o seu desaparecimento. Não bastava somente matar e mutilar, era necessário publicizar e exibir o feito, para que somente depois houvesse o apagamento dos rastros. Brutalidade retratada na literatura, que busca na catástrofe da Guerrilha o entendimento sobre um passado que reverbera no presente.

Conforme já mencionado, a prática da desaparecimento forçada exercida durante o regime ditatorial brasileiro foi intensificada na Guerrilha do Araguaia, contexto que concentra a maior parte dos

desaparecidos políticos do regime. Duas das quatro obras analisadas focam de maneira bastante contundente o tema da desapareição de militantes: *Antes do passado* e *Palavras cruzadas*, o que nos leva a pensar sobre a problemática da representação do ausente. Como representar quem está ausente? Como falar por alguém que não sobreviveu para narrar suas experiências? Nesse caso, prevalece a abordagem da dor e do trauma daqueles que ficaram, familiares e amigos que tiveram o exercício do luto suspenso, devido tanto à ausência de um corpo para velar e sepultar, quanto à incerteza do destino do desaparecido. Gatti (2019), ao abordar o tema da desapareição, ressalta as diversas linguagens que são mobilizadas ao redor da ausência que se origina com o desaparecimento, que no caso da desapareição forçada torna-se ainda mais intensa e dolorosa para aqueles que ficam:

É uma ausência que dói, mas ainda mais, porque é uma má ausência – imprevista, catastrófica, repentina, violenta –, que se administra com dificuldades e deixa aqueles que a sofrem em estados individuais e coletivos para os quais há poucos livros de receitas, pois afeta a tudo: às coisas, às evidências, às palavras, à linguagem, às imagens. A ausência é, portanto, um tópico do desaparecimento, e um tópico certo. Tanto que se converteu em um lugar comum de todas as artes atuais do desaparecimento: no direito, porque há ausência de provas, de testemunhos; no campo psi, porque havendo ausência de morto há também de luto; nas ciências sociais, porque falta muito do que constitui a uma vida

ordinária; no campo da arte, porque representar o desaparecimento – desenhando-o, esculpindo-o, fotografando-o, contando-o – supõe, em si, uma contradição (p. 186, tradução minha).

No entanto, Gatti busca entender o sentido da ausência na figura do desaparecido social, propondo uma diferenciação entre desaparecimento e ausência, uma vez que aquele que desaparece permanece presente entre aqueles que restam, seja pela dor, seja pela lembrança, segundo o conceito de abjeto proposto por Butler (2002) para pensar nos desaparecidos como aqueles que brilham por sua ausência. Assim, o tema dos desaparecidos políticos, tão relevante dentro do contexto da Guerrilha do Araguaia, ao ser novamente convocado pelos textos em questão, opera como forma de lançar luz aos envoltos pela escuridão do silenciamento, do ocultamento de seus corpos e dos rastros de uma militância combativa que busca, através da literatura, ser resgatada e mais bem compreendida no tempo presente.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Tradução de Henrique Burigo. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- BRUM, Liniane Haag. *Antes do passado: o silêncio que vem do Araguaia*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2012.
- DEAK, Anita. *No fundo do oceano, os animais invisíveis*. São Paulo: Reformatório, 2020.
- FIGUEIREDO, Euridice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.
- GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GATTI, Gabriel. “Regreso al vacío: sobre ausencia y desaparición social”. *Oñati Socio-Legal Series*, v. 9, n. 2, pp.183-197, 2019. Acesso em: 13 jul. 2022.
- GRAMMONT, Guiomar de. *Palavras cruzadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.
- LISBOA, Adriana. *Azul corvo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- VECCHI, Roberto. “O passado subtraído da desapareção forçada: Araguaia como palimpsesto”. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. n. 43, pp. 133-149, jan./jun.2014. Acesso em 01 set. 2022.

Resumo

O presente trabalho visa apresentar um breve mapeamento de produções literárias recentemente lançadas, cujo tema é a Guerrilha do Araguaia, que completa cinquenta anos em 2022. Para tanto, serão analisadas quatro produções: o romance *Azul corvo*, publicado por Adriana Lisboa em 2010, o romance *Palavras cruzadas*, lançado por Guiomar de Grammont em 2015, o romance *No fundo do oceano, os animais invisíveis*, de autoria de Anita Deak e publicado em 2020, e o testemunho de uma familiar de desaparecido político lançado em 2012 por Liniane Brum: *Antes do passado, o silêncio que vem do Araguaia*. Todos são textos literários que propõem uma interface entre literatura, história e memória, a tematizar a ditadura militar brasileira com foco na Guerrilha do Araguaia e seus desdobramentos no tempo seguinte. Assim, entende-se que a literatura contribui para o aprofundamento de saberes sobre parte de nossa história, atuando ainda como um arquivo da história e da memória.

Palavras-chave: Guerrilha do Araguaia; ditadura militar brasileira; literatura brasileira contemporânea; desaparecidos políticos.

Abstract

The present work aims to present a brief survey of recently released literary productions that thematize the Guerrilha do Araguaia, which occurred fifty years ago. Four productions are analyzed: the novels *Azul corvo*, published by Adriana Lisboa in 2010, *Palavras cruzadas*, released by Guiomar de Grammont in 2015, *No fundo do oceano, os animais invisíveis*, published by Anita Deak in 2020, and *Antes do passado, o silêncio que vem do Araguaia*, published by Liliiane Brum in 2012 and based on the testimony of a relative of one among the many people who disappeared on the occasion as a consequence of the political regimen. All these literary texts propose an interface between

literature, history and memory in order to present the Brazilian military dictatorship with a focus on the Guerrilha do Araguaia and its unfolding in the following times. In such a way literature contributes to deepening the knowledge about part of our history and acts as an archive of history and memory.

Keywords: Guerrilla do Araguaia; Brazilian military dictatorship; contemporary Brazilian literature; political missing people.

Submetido em 12 de setembro de 2022.

Aceito em 12 de novembro de 2022.